

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM PRÁTICAS EDUCACIONAIS EM CIÊNCIAS E  
PLURALIDADE**

Francine Klatter Braga Alves

**O USO DA LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO  
PARA MINIMIZAR A PRÁTICA DO BULLYING  
NO AMBIENTE ESCOLAR**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE PESQUISA DE ESPECIALIZAÇÃO

DOIS VIZINHOS

2018

Francine Klatter Braga Alves



**O USO DA LUDICIDADE COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO  
PARA MINIMIZAR A PRÁTICA DO BULLYING  
NO AMBIENTE ESCOLAR**

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito para avaliação parcial da disciplina de Monografia, do Curso de Especialização Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade, modalidade à distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - Campus Dois Vizinhos.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Me. Henry Brandão

Dois Vizinhos

2018



---

## TERMO DE APROVAÇÃO

O uso da ludicidade como instrumento pedagógico para minimizar a prática do bullying no ambiente escolar.

Por

**Francine Klatter Braga Alves**

Esta monografia foi apresentada às 11h30min do dia 11 de agosto de 2018 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade - Polo de Dois Vizinhos, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

---

Prof. Me. Henry Charles Albert D Naidoo Terroso de Mendonça Brandão  
UTFPR-Campus Medianeira

---

Prof Dra. Samara Ernandes  
UTFPR-Campus Dois Vizinhos

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Leide Daiane do Nascimento Mascarello  
UTFPR-Campus Dois Vizinhos

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, que me guia e está presente nos momentos mais difíceis. Aos meus pais Marielsa e Oli, pessoas as quais sempre me incentivaram e são exemplos de dedicação aos estudos. Ao meu esposo Luis e minha filha Lúiza que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu concluísse mais essa etapa de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico este espaço para agradecer a todos aqueles que, de alguma forma, fizeram parte do sonho e construção desse trabalho.

Primeiramente agradeço a Deus, que me deu força, sabedoria, paciência e perseverança.

Agradeço os meus pais que sempre me incentivaram e me ensinaram a escolher sempre o caminho mais justo. Mas, em especial a minha mãe que, com uma força delicada não me deixou desistir quando tudo parecia acabado, me dando forças e suporte para seguir em frente.

Ao Luis, pelo companheirismo e paciência, pelas longas horas de espera enquanto eu estava lendo, pesquisando e escrevendo. E a minha filha Luíza que também sempre esteve ao meu lado, me incentivando, aceitando minhas ausências e me apoiando nos momentos difíceis.

Ao meu orientador Henry Charles Brandão, que me auxiliou na construção desse trabalho, lendo-o, relendo-o, oportunizando reflexões e conhecimentos compartilhados. Foi a sua dedicação, ética e competência que me permitiu maior amor não só por esse trabalho, mas pela profissão.

Pelos colegas de formação, pelas horas de estudo em grupo, pela partilha das queixas e pelos momentos de descontração.

Por fim, agradeço aos Coordenadores, Orientadores, Professores, Tutores e a todos os profissionais da UTFPR/UAB/EAD que colaboraram para a realização do Curso.

A todos, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas  
criar as possibilidades para a sua própria  
produção ou a sua construção.

Paulo Freire

## RESUMO

ALVES, Francine Klatter Braga. A O uso da ludicidade como instrumento pedagógico para minimizar a prática do bullying no ambiente escolar, 2018. 43f. Monografia (Especialização em Práticas Educacionais em Ciências e Pluralidade). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2018..

O presente trabalho retrata de que maneira o lúdico e atividades que apresentam essa temática, podem influenciar positivamente no combate ao bullying e minimizar seus efeitos. Utilizando-se de embasamentos teóricos, busca-se exemplificar como a ludicidade é importante na formação educacional e social de crianças e adolescentes no meio escolar. Conceitos de socialização e as consequências advindas da falha no processo de formação de cidadão são abordados. O uso da sociologia para identificar o processo de intimidação provenientes de agressões nas escolas é retratado como forma de solução ao combate do bullying e sua possível extinção. É fundamentado o papel da escola como principal agente atuante na observação, intervenção e solução do bullying no ambiente educacional. O uso de equipes com profissionais como psicólogos, pedagogos e psicopedagogos é mencionado para que se forme grupos de apoio aos alunos vítimas e agressores, visando uma melhora na qualidade de ensino e convivência escolar. De acordo com os fundamentos que se expõe verificar-se-á que o lúdico pode interferir na formação do aluno como cidadão e proporcionar inclusão no ambiente escolar, promovendo assim, a participação de todos os envolvidos a educar. Desse modo, a utilização de um ensino prazeroso e voltado ao lazer, pode transformar um ensino rígido em uma participação ativa dos alunos, podendo, ainda, proporcionar a exclusão e preconceito, findando com a prática do bullying no ambiente escolar.

**Palavras-chave:** Sociologia; Convivência; Preconceito; Lazer; Lúdico.

## ABSTRACT

ALVES, Francine Klatter Braga. A The use of playfulness as a pedagogical tool to minimize the practice of bullying in the school environment, 2018. 43f. Monograph (Specialization in Educational Practices in Sciences and Plurality). Federal Technological University of Paraná, Dois Vizinhos, 2018

The present work had as objective to portray the way in which the ludic and the activities that incorporate this theme, can positively influence the fight against bullying and minimize its effects. Using theoretical bases and social studies, we seek to convey how playfulness is important in the educational and social formation of children and adolescents in the school environment. Concepts of socialization and the issues arising from the failure of the process of the individual's formation are addressed. The use of sociology to identify the process of intimidation resulted from aggressions in schools is portrayed as a solution to combat bullying and its possible extinction. The role of the school is fundamental as the main agent in the observation, intervention and solution in the practice of bullying in the educational setting. The use of teams of professionals such as psychologists, pedagogues and psychopedagogues is mentioned as important for the formation of support groups for students and offenders, aiming an improvement in the quality of teaching and school coexistence. In this way, it is analyzed how the playfulness can interfere in the formation of the student as an citizen, in order to facilitate education in the school environment, promoting the participation of all those involved in the process of education. In this way, a pleasant and leisure-oriented teaching.

**Keywords:** Sociology; Coexistence; Preconception; Recreation; Ludic.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>12</b>
2.1 BULLYNG, DEFINIÇÃO E CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR....	12
2.2 LUDICIDADE, DEFINIÇÃO E ABRAGÊNCIA.....	14
2.3 PROPOSIÇÃO DA LUDICIDADE AO ENSINO.....	15
2.4 DESAFIO DO PROFESSOR VERSUS BULLYING.....	17
2.5 A AFETIVIDADE COMO COADJUVANTE NO ENSINO APRENDIZADO.....	21
2.6 A LUDICIDADE COMO CONSEQUÊNCIA À AFETIVIDADE.....	26
2.7 A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO.....	30
2.8 A RELEVÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR.....	34
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>4 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>41</b>

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que o bullying na escola, prejudica o crescimento do ser humano tanto individual quanto social e é por isso que esse tema é bastante abordado por muitos estudiosos, entre outros, psiquiatras, psicólogo e pedagogos. Aparentemente, todos concordam sobre a necessidade de encontrar meios de amenização dessa prática, no qual debate-se muito o papel da escola e da família, sobre a influência à existência do bullying.

Interessante, também, trazendo isso para a área da psicologia, seria utilizar em conjunto com essa metodologia do Silvio Gallo (apresentada em seu livro “Metodologia para o Ensino de Filosofia” (2012) a abordagem cognitivista tendo como um de seus representantes Jean Piaget, que também era psicólogo. Em se tratando do lúdico, essa abordagem parece ser fundamental nesse processo, segundo Mizukami:

A cognitivista é uma abordagem interacionista. Considerando-se o fato de que se trata de uma perspectiva interacionista, homem e mundo serão analisados conjuntamente, já que o conhecimento é o produto da interação entre eles, entre sujeito e objeto (MIZUKAMI, 1986, p. 50).

Em deferimento, Mizukami (1986) acentua que, em Piaget “encontra-se a noção de desenvolvimento do ser humano. Por isso, fases que se inter-relacionam e se sucedem até que atinjam estágios da inteligência (...)”.

Propõem-se trabalhar temas que versem sobre ética e moral de forma lúdica, levando em consideração tanto a metodologia do Silvio Gallo (2012) quanto a da Mizukami (1986), pois além de proporcionar a confiança, pode instigar os alunos a uma espécie de catarse, não se apegando tanto ao sentido literal da palavra, mas no sentido de mudança, de libertar os sentimentos ruins.

Nesse sentido, pretendeu-se com este trabalho, realizar um estudo teórico fundamentado em pesquisa bibliográfica, ao passo que também se busca expor como as escolas podem enfrentar esta situação/problema que é o bullying, tanto quanto refletir sobre a ludicidade como instrumento de impedir ou ao menos atenuar a prática do bullying sob o ponto de vista docente.

A contribuição se dá no sentido de explorar de que forma as atividades e jogos lúdicos podem motivar a conter a prática supracitada no ambiente escolar. E

por se acreditar na redução da violência escolar através dos jogos lúdicos pelo poder que essas atividades têm na promoção da socialização e com isso, na redução da violência e intolerância através dessas atividades lúdicas.

A escolha do tema se deu através da crescente mobilização das escolas para a temática da prática do bullying dentro da escola, assim como ter um melhor entendimento sobre os efeitos do bullying no ambiente escolar. Sabe-se que este tema é bastante examinado, inclusive como sendo um problema de saúde pública por ter sérias consequências, tanto individuais quanto sociais, tendo-se como causadores e vítimas, crianças e os adolescentes dentro o período escolar.

Sendo assim, traz-se como objetivo geral a análise da concepção do professor sobre o seu entendimento de Bullying, da mesma forma que se elucida a importância do uso da ludicidade como prática para minimizar os efeitos do bullying no ambiente escolar.

O presente trabalho tem como base alguns desses nomes supracitados para fortalecer aquilo que já vem sendo sugerido por muitos. A inclusão de atividades lúdicas nas escolas existe, na maioria das vezes, com o propósito da conscientização ou de repúdio ao bullying. Ao utilizar temas dentro da perspectiva de atividade lúdica, noções de dignidade da pessoa humana, felicidade, liberdade e seus limites, igualdade e outros de caráter humano, esses podem influenciar positivamente nos laços de amizade e/ou coleguismo entre os alunos. A abordagem dos temas que complementariam sobre ética e moral seria feita de forma prazerosa.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. BULLYNG, DEFINIÇÃO E CONSEQUÊNCIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Segundo a Lei Nº 13.185/2015, de 6 de novembro de 2015:

No contexto e para os fins desta Lei, considera-se intimidação sistemática (**bullying**) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas. (CASA CIVIL, Lei Nº 13.185/2015, 2015).

A lei referida dá o significado ao Bullying baseado naquilo que é recorrente não só dentro da escola, mas nas redes sociais. É comum observar em ambos ambientes, o que menciona as alíneas dessa Lei, entre outras observações, os ataques físicos, insultos, apelidos depreciativos e expressões preconceituosas.

O termo *bullying*, segundo dicionário da Língua inglesa, deriva da palavra *Bully*, que significa valentão, tirano. O *Bullying* seria o ato de tal prática, esse se divide em direto (comum entre os agressores masculinos) e indireto (comum entre mulheres e crianças com a característica o isolamento social da vítima). Segundo artigos educacionais, tal prática não é somente um problema mundial ou em qualquer meio social, como também, um fenômeno que existe desde meados dos anos noventa, com a descoberta do fenômeno pelo professor Dan Olweus na Universidade de Bergan, Noruega<sup>1</sup>

Os resultados causados pela prática do bullying podem ser bem ruins, sobretudo quando afeta o psicológico de tal forma que a vítima pensa ou comete suicídio ou tem sérios problemas na sua formação até a vida adulta. Durkheim (2005) apud Cabral (2018) em seu estudo sobre sociologia destacou o suicídio como um ato pessoal, mas influenciado pela sociedade<sup>2</sup> conforme cita Anthony Giddens:

---

<sup>1</sup> Informações retiradas da monografia “Um olhar exploratório sobre a percepção do professor em relação ao fenômeno bullying” de Clarissa Moura Quintanilha, 2012. Disponível em <http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/cmq.2.2011.pdf>

<sup>2</sup> Disponível em <https://joaninhabs20.jusbrasil.com.br/artigos/328789040/a-teoria-do-suicidio-de-emile-durkheim>

Embora os seres humanos se vejam a si próprios como Indivíduos livres na sua vontade e opções, os seus comportamentos são muitas vezes padronizados e determinados pelo mundo social. O estudo de Durkheim demonstrou que mesmo um ato tão pessoal como o suicídio é influenciado pelo mundo social. (GIDDENS, 2008, p. 26).

Ainda sobre Durkheim (2005), suicídio para o sociólogo era definido como “todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado”. Dessa forma, esse dividia o suicídio em três tipos e o classificava de acordo com o estudo realizado em determinado grupo social (CABRAL, 2018).

Para esse estudo, cabe destacar o que Durkheim classificava como sendo o Suicídio Egoísta o qual é definido como:

É aquele em que o ego individual se afirma demasiadamente face ao ego social, ou seja, há uma individualização desmesurada. As relações entre os indivíduos e a sociedade se afrouxam fazendo com que o indivíduo não veja mais sentido na vida, não tenha mais razão para viver (CABRAL, 2018).

Assim sendo, observa-se que a prática do bullying no ambiente escolar pode ser um fator que inicie o processo de perda de identidade social. Muitas vezes, crianças e adolescentes que não possuem uma família de base adequada, encontram na escola o único meio de dar sentido a vida. Dessa forma, com a prática desses atos humilhantes e degradantes se tira a única fonte de apoio que liga a criança ou adolescente a vida, incentivando indiretamente a prática do suicídio.

Sabe-se na área da psicologia, trazendo esses problemas para a profissão de psicólogo, que não se pode explicar e/ou trabalhar sozinhos no sentido de solucionar casos de bullying, porque o mesmo para ser, ao menos amenizado, deve ser trabalhado conjuntamente com a escola e a família, sobretudo com a primeira, pois é o local onde é praticado. Contudo, não entrar na questão da responsabilidade da família é um erro, porque, conforme Fante (2011, p. 17) sobre o declínio da família "a erosão da célula familiar tradicional e da ação educadora dos pais deixa as crianças e os jovens mais vulneráveis".

A esse respeito, Anthony Giddens (2008, p. 28) em seu estudo da sociedade, se refere a existência de dois processos de socialização, o primário através do contato da família, onde a criança aprende por modo de absorção e repetição, e o secundário, que é o mais complexo, onde a escola, o estado e as crenças passam a

intervir. Dessa forma, pode-se afirmar que é na família onde as primeiras etapas de base observadas pelas crianças passam a ser mais fortes.

Tem-se noticiado que é no ambiente escolar que ocorre o maior índice de prática de bullying, como também, que é neste ambiente que se deve considerar a ludicidade como um instrumento pedagógico positivo no sentido de minimizar a prática do bullying. As consequências dessa prática afetam ambos os lados (agressor e vítima) e, segundo Maldonado (2011) e Fante (2005), citados por Bortoncello (2014, p.71) “os resultados podem ser seriamente prejudiciais tanto a curto como em longo prazo, contudo, mais grave para as vítimas”.

Para Fante:

O sofrimento causado pelo bullying se estende por anos, afetando negativamente a autoestima e induzindo decisões nem sempre boas. Incluindo danos psicológicos irreparáveis ao psiquismo (se não identificados e tratados), à personalidade, ao caráter e à autoestima de suas vítimas, manifestando suas sequelas ao longo de toda a vida (FANTE, 2005, p. 15).

Isso já basta para observar a ideia de que essa prática de violência pode causar negativamente no ensino aprendizagem e por consequência, na formação do aluno como cidadão. Sendo assim, essa perda no aprendizado diz respeito a ambas e/ou a todas as partes envolvidas (vítima, agressor e os que presenciaram). Para Guareschi (2008): “o *bullying* pode abalar a autoestima e a saúde mental dos adolescentes, como também, estimular problemas como anorexia, bulimia, depressão, ansiedade, suicídio e fobia escolar”.

## 2.2. LUDICIDADE, DEFINIÇÃO E ABRANGÊNCIA

De acordo com Aniê Coutinho de Oliveira (2008) “Ludo origina-se do termo latino *ludu*, com significado de *jogo, diversão*” (OLIVEIRA, 2008, p. 50).

Em consonância, Negrine apud Aniê Coutinho de Oliveira (2008), frisa que “as brinquedotecas, na Europa, aumentam muito com o apoio do governo e isso se deve aos resultados sociais positivos dessa prática” (OLIVEIRA, 2008, p. 49).

Ainda segundo Negrine:

As ludotecas são espaços de jogo, onde as crianças, jovens e adolescentes vão brincar. No Brasil se costuma denominar de *brinquedoteca*, termo adequadamente justificado uma vez que na língua portuguesa se utiliza habitualmente o vocabulário *brincar*, quando se faz referência ao jogo infantil (NEGRINE, 1994, p. 45).

A relação do homem com o lúdico, e a existência deste, como menciona Patrícia Piacentini na Revista Pré-Univesp (Nº 61. UNIVERSO. Dez 2016-Jan 2017), vem desde a antiguidade, destacando-se nas sociedades egípcia, babilônica, chinesa e asteca. É uma relação cultural e necessária para instigar a criatividade.

Aguiar (2004), apud Karin Ritter Jelinek acentua que:

Ao se referir a investigação dos jogos na história, refere-se sobre sua utilização como um meio pedagógico e que existem registros disso, entre outros, em Platão e Aristóteles, destacando o primeiro filósofo ao dizer que ele ensinava matemática às crianças usando como método os jogos recomendando que os primeiros anos da criança deveriam preenchidos com jogos educativos (JELINEK, 2005, p. 25).

Percebe-se, com isso, que a utilização dos jogos como meio pedagógico é muito antiga. O exemplo disso pode-se citar a educação dos índios pelos Jesuítas vindos de Portugal na colonização do Brasil, conforme menciona Yara Kassab em sua tese (2010, p. 135) o seguinte "Os jesuítas, ao apropriarem-se de estratégias lúdicas no processo de catequização e educação no período em que se encontravam nas terras brasileiras, influenciaram a formação cultural e educacional..."

### 2.3 PROPOSIÇÃO DA LUDICIDADE AO ENSINO

A par do que até o momento foi explanado no presente trabalho bibliográfico, propomos que sejam desenvolvidas atividades lúdicas com o fim oportunizar um aprendizado mais saudável ao aluno, que o torne um indivíduo socializado e mais humanitário. As atividades lúdicas a serem desenvolvidas, essas pré-estabelecidas por uma equipe da escola, formada por profissionais como pedagogos, psicopedagogo, psicólogos e professores de educação física, têm como propósito, além do que já foi exposto, a experiência dos alunos vivenciarem um relacionamento diferente do habitual, ou seja, o da agressividade. Essas atividades devem permitir

que eles interajam através dos jogos propostos e liberem suas emoções de forma positiva, entre outras experiências, com o contato físico, com o diálogo e com movimentos corporais proporcionados pelos jogos.

Recomenda-se que o espaço para o desenvolvimento das atividades lúdicas deve ser onde todos se sintam bem e de certa forma, livres e podem ser em local diverso da sala de aula. Sugere-se a metodologia do Silvio Gallo (2012), ou seja, usar conjuntamente a sensibilização e a problematização como estratégia de atração para trabalhar temas que envolvam os direitos da pessoa humana com a abordagem cognitivista de Mizukami (1986) por ser interacionista entre homem e mundo. Segundo Vygostsky, apud Aniê Coutinho de Oliveira (2008), “a relação estabelecida pelo sujeito como meio e para si, tem consequências para a aprendizagem” (OLIVEIRA, 2008, p. 35).

De acordo com a metodologia sugerida, as atividades lúdicas devem iniciar com a sensibilização e logo após ser colocada a problematização. O professor deverá estabelecer as regras e os limites, mas priorizando a liberdade do aluno, dentro do possível. Pode-se iniciar com algum trailer de um filme, documentário, reportagens abordando algum tipo de violência na escola, para depois problematizar, o que pode acontecer em forma de questões para respostas durante os jogos.

Nessa etapa então, o professor deverá colocar em prática as atividades lúdicas envolvendo o problema, utilizando-se de jogos que levem em consideração temas ético-morais. A sugestão é criar jogos novos que sejam atraentes aos alunos e eficazes nos resultados. A direção da escola pode criar entre esses profissionais uma espécie de concurso de jogos que abordem esses temas específicos.

Lembramos a importância de o professor valorizar todos os participantes ao final das atividades lúdicas e que peça a eles para apontarem os pontos positivos e negativos das atividades, como também, peça sugestões a eles. Assim sendo, entendemos que a atividade trará crescimento pessoal e coletivo da classe envolvida.

Como destaca Piaget (1973, p. 18), talvez o maior problema da implementação de atividades lúdicas no ensino esteja no medo da desautorização do professor em sala de aula. É importante que esse reforce que o lúdico não proporciona apenas diversão, mas também aprendizado. Dessa forma, professor e aluno se tornam menos hierarquizados, contribuindo para um melhor relacionamento entre esses.

Tendo o professor como colaborador para o crescimento do aluno, Piaget reforça:

O primeiro receio (e para alguns, a esperança) de que se anule o papel do mestre, em tais experiências, e que, visando ao pleno êxito das mesmas, seja necessário deixar os alunos totalmente livres para trabalhar ou brincar segundo melhor lhes aprouver. Mas é evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança, e para organizar, em seguida, contra exemplos que levem à reflexão e obriguem ao controle das situações demasiado apressadas: o que se deseja é que o professor deixe de ser um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas (PIAGET, 1973, p. 18).

Dessa forma, entende-se que o ensino através de brincadeiras e jogos participativos poderá fazer com que as crianças percebam a importância de valorizar o outro como igual. Assim, com experiências diferenciadas no ambiente escolar, os alunos terão a oportunidade de crescerem de maneira completa como indivíduos.

#### 2.4. DESAFIO DO PROFESSOR VERSUS BULLYING

Conforme se percebe no cotidiano escolar, parece haver uma tendência a a negação por parte dos profissionais, professores e funcionários diante da ocorrência do "bullying", não se sabe se isso ocorre por desconhecimento ou negação do problema para enfrentá-lo. Acredita-se que há soluções a esse problema, desde que todos esses profissionais, que integram a escola estejam engajados, dada a sua fundamental importância na vida do aluno.

Nas palavras de Lopes Neto:

A escola é de grande significância para as crianças e adolescentes, sendo que, os que não gostam dela têm maior probabilidade de apresentar desempenhos insatisfatórios, comprometimentos físicos e emocionais à sua saúde ou sentimentos de insatisfação com a vida (NETO, 2005, p. 3)

É evidente, portanto, que a aceitação pelos companheiros é fundamental para o desenvolvimento da saúde (mental e física) de crianças e adolescentes, aprimorando suas habilidades sociais e fortalecendo a capacidade de reação diante de situações de tensão.

Em consonância, Nietzsche em sua obra “Escritos Sobre a Educação” diz o seguinte:

A escola é formadora de cultura, não resultando questionar se ela tem esse compromisso, mas dizer que as preocupações *nietszcheanas* são atemporais no que se refere a importância dela como formadora de cidadãos (NIETZSCHE, 2003, p. 27).

Virtudes são valores, cultura, conhecimento e instrução, tendo como base, que a escola é o ambiente, sem mencionar o familiar nesse processo, onde vai se conceber uma forma de convívio social escolar, onde os alunos vão levar para a vida a noção de respeito mútuo e compreensão de que todos pertencem ao mesmo universo. Nessa perspectiva, acredita-se que o lúdico entraria como um importante instrumento de formação dessa criança/aluno no convívio entre os colegas e daí para a vida adulta no sentido de convivência mais ética em sociedade.

Em uma reportagem da Revista Veja a qual se intitula: “É Responsabilidade da Escola Combater o Bullying” (2011), por Nathalia Goulart, a diretora de desenvolvimento do programa anti-bullying do Instituto Olweus, precursor no estudo e prevenção do Bullying nos Estados Unidos, responde alguns questionamentos. A especialista americana Marlene Snyder afirma que é responsabilidade da escola o bullying praticado até mesmo fora dela. Sobre isso ela condiz que:

Mesmo quando o bullying acontece fora da sala de aula, a escola tem responsabilidade, porque os desdobramentos dessa prática estarão presentes no comportamento dos alunos. Nesse processo, o relacionamento professor-aluno é fundamental. É por meio desse canal que o bullying pode ser identificado. Mas para isso, os docentes precisam estar treinados. Eles precisam entender que o bullying acontece a qualquer momento e com qualquer aluno. Um estudo que realizamos apontou que 17% dos estudantes americanos sofreram bullying dentro da escola. Isso significa quase um em cada cinco jovens. (VEJA, 2011).

Segundo a especialista acima citada, a escola, incluindo professores e funcionários, é mais importante do que a família no combate ao bullying por acreditar que a prática ocorra no interior dela e por isso, é ela que vai agir na identificação e combate dessa prática. Diz ainda que:

(...) existem oito diferentes papéis que uma pessoa pode desempenhar durante uma situação de bullying. Existe quem pratica, quem se mantém passivo, quem incentiva ações negativas, mas não participa delas, e assim por diante. Por isso, em cada contexto, uma pessoa pode assumir um papel

distinto. A solução é trabalhar com cada situação particular e analisar se existe um padrão de conduta que se repete. A partir daí, desenvolvemos atividades que possam reverter esse comportamento. Mas trabalhamos com esse aluno dentro da escola. Ao contrário do que muitos pensam, expulsá-lo é contraproducente. Se o expulsamos, para onde ele vai? Ele vai para a rua e aprende coisas ainda piores. Então, trabalhamos muito próximos a ele, oferecendo subsídios e possibilitando mudanças. (VEJA, 2011).

Contudo, analisando-se os entendimentos até aqui expostos, concorda-se em parte, no que se refere a família ser menos importante do que a escola no combate, pois embora não seja uma afirmação estanque, é nela onde tudo começa. Retoma-se o conceito primário de socialização destacado por Anthony Giddens (2008), sendo a criança a receptora e refletora daquilo que observa do meio em que vive, ou seja, da família, no qual tais absorções feitas serão refletidas na escola com os colegas. O problema está no momento em que, o que é observado pela criança, são atitudes negativas.

É sabido que entre as vítimas de bullying estão os obesos, os que têm alguma deformidade física e, sobretudo um tema desgastado como o da diversidade sexual, sendo este não visto pelos alunos e até outros que compõem a comunidade escolar, como algo natural. Sabe-se o quanto é difícil lidar com esse tipo de comportamento (bullying). Entende-se que jamais deveria haver quaisquer preconceitos, mas ao mesmo tempo percebe-se que isso faz parte da sociedade, a qual pode fazer e buscar formas de conscientizar, de amenizar essa prática que pode ir de uma simples “zoação” até a violência sem limites.

Como pode-se ver pelos fundamentos pesquisados é possível que nem a família nem a escola estejam preparadas para lidar com estes problemas. Contudo deveriam dar a estes problemas a importância que merecem e não tentar diminuí-los como brincadeiras de mau gosto e reações exageradas. Quando isso é feito, presencia-se o crescimento da intolerância, do preconceito e da agressão.

Dessa forma, o lúdico pode colaborar no sentido da conscientização, como dito anteriormente, da reversão dessa situação que pode até se tornar perigosa. Promovendo, assim, a inclusão dos alunos que, por consequência das diferenças não aceitas pelos demais, procuram por aceitação.

A escola deveria ter equipes preparadas para intervir nessa questão e trabalhar na prevenção e na solução desses problemas. Dentre esses profissionais preparados estariam o psicopedagogo e o psicólogo, como também, professores qualificados em práticas pedagógicas tanto quanto a ludicidade. A questão aqui não

é só tratar o problema bullying, mas procurar em conjunto, meios que possam amenizar essa prática horrenda e mundial. Sabe-se que, em se tratando do ser humano, é muito mais complexo do que se imagina eliminar o problema. Isso para não denominar impossível de completa solução. Assim, amenizar de forma considerável já se comemoraria um grande avanço.

A escola é o local que pode e deve propiciar meios para esses profissionais trabalharem formas de como utilizar o lúdico como instrumento de minimização das agressividades causadas pelo bullying. O professor, também tem esse compromisso, seja ele de que disciplina for. Não cabe apenas ao professor de educação física, sozinho abarcar com essa responsabilidade. O trabalho deve ser em conjunto, e o professor tem um papel fundamental nessas questões que envolvem relacionamento, pois é ele que primeiramente percebe na sala de aula, algum tipo de conflito e/ou isolamento. Essa questão do bullying pode ser solucionada logo que surge, não deixando que se evolua para algo mais sério, e o professor pode fazer isso levando ao conhecimento dos outros profissionais, seja o psicólogo, o psicopedagogo ou o pedagogo.

Desta forma, pensar em soluções de forma conjunta, a mediação dos conflitos através da ludicidade poderá, por consequência, proporcionar a socialização entre os alunos. E dentro da ludicidade se poderá trabalhar com temas como felicidade e liberdade, as quais, em um sentido filosófico tem um significado muito maior do que se possa pensar.

A Constituição prescreve esse direito, no entanto, essa liberdade tem limites, do contrário esse direito geraria desigualdades. Ou seja, se a liberdade não tem limites acaba-se por ferir a liberdade do outro, exemplo disso é ofender o outro, apelidar de forma pejorativa, entre outras formas de bullying.

A reflexão e o debate em conjunto fazem toda diferença e isso deveria ser uma prática comum dentro da escola. Se essa prática for levada a sério poderá se tornar um aliado na resolução de muitos problemas.

Como dito antes, felicidade e liberdade são temas que trabalhados dentro do lúdico poderá propiciar aos alunos um maior entendimento sobre como controlar seus sentimentos, seus arroubos, a agressividade desses alunos. São atitudes que vão atingir positivamente a vida dos alunos tanto em sua formação quanto na vida adulta. São práticas para a vida. Combater por completo a prática do bullying talvez não seja possível, mas amenizar, como dito anteriormente através do lúdico, pode

fazer grande diferença. O lúdico faz parte da educação e educação é fundamental para a formação de cidadãos de bem.

## 2.5. A AFETIVIDADE COMO COADJUVANTE NO ENSINO APRENDIZADO

Observa-se no meio social que relações afetivas são formadas a todo o momento. Não diferente na escola, isso acontece o tempo todo. A relação aluno-professor ultrapassa, na maioria das vezes, o que deveria ser (conforme o atual sistema de ensino) um conjunto de repasse de informações apenas. A evolução da convivência faz com que os professores e alunos criem um vínculo afetivo que une os envolvidos a uma experiência significativa no ambiente escolar.

Ainda assim, os professores têm o desafio de se manter profissionais, desenvolvendo um distanciamento saudável que não comprometa o convívio no ambiente escolar. De acordo com Almeida (1999, p.8, apud Silva, 2002, p.23) “o grande desafio é conseguir manter o equilíbrio entre razão e a emoção sob pena de comprometer a realização de qualquer atividade do indivíduo”.

Dessa forma, entende-se que a afetividade se destaca como sendo de grande importância para a formação do aluno na transmissão do ensino, pois esse, quanto mais próximo daquele que o ensina, mais sente vontade de aprender. É visto que há uma grande diferença entre transmitir o conhecimento e educar. Destacam-se, assim, os educadores que se preocupam de maneira global com a formação do aluno. Logo, as demonstrações de carinho, assim como a afetividade nas palavras transmitidas pelo professor resultam em acolhimento para o educando, trazendo auxílio e conforto, para que este acomode as informações recebidas de uma melhor forma, diminuindo a repulsão ou aversão ao conteúdo apresentado e estimulando o aluno a aprender algo novo.

Entende-se que a escola não tem como função principal apenas o repasse de informações, mas sim um compromisso com a formação de cidadãos melhores e conscientes do mundo. Acredita-se que provocar a reflexão dos alunos a cerca de assuntos pertinentes e sociais permite que esses melhorem o modo de aprender construindo o conhecimento a partir de uma dialética instigante. Assim, os docentes precisam englobar na educação uma forma de unir a ação de ensinar e a de aprender.

Sobre isso, Rodrigues afirma:

Assim, a escola tem por função preparar e elevar o indivíduo ao domínio de instrumentos culturais, intelectuais, profissionais e políticos. Isso torna sua responsabilidade pesada e importante. Assim dimensionada a tarefa da escola, evidencia-se a expectativa que sobre ela recai no contexto da sociedade. (RODRIGUES, 1997, p. 64).

Observa-se, então, que educar não é apenas transmitir uma informação de maneira imparcial e crer que, assim, os alunos se tornarão pessoas melhores. Educar é envolvimento e doação. Professores acabam se envolvendo pessoalmente com os alunos e partilham muitas de suas descobertas e conquistas para que consigam ser completamente imparciais.

Sabe-se que cada aluno aprende de uma determinada maneira, age de diferente forma e compartilha suas experiências de maneira única. Assim, caberia ao professor instigá-lo e reconhecer seus potenciais para um melhor aprendizado e, para isso, deve agir de maneira complacente e atenciosa, transmitindo afeto e parceria para uma melhor comunicação com seus alunos.

Sobre a aprendizagem, Zabala aponta que:

O fato de que não exista uma única corrente psicológica, nem consenso entre as diversas correntes existentes, não pode nos fazer perder de vista que há uma série de princípios nos quais as diferentes correntes estão de acordo: as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes, correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos meninos e meninas, enfim, a maneira e a forma como se produzem as aprendizagens são o resultados de processos que sempre são singulares e pessoais. (ZABALA, 1998, p. 34).

Assim sendo, caberia ao professor estipular a maneira como trabalhar com seus alunos. A forma como age, fala, o clima de companheirismo e empatia, o afeto, todas essas características determinam o envolvimento do aluno e professor no ambiente escolar. A decisão de promover a aprendizagem reflexiva e agir como facilitador para a construção do conhecimento é muito importante para a formação do aluno de maneira afetiva e completa.

Sobre a maneira de ensinar, Freire aponta que:

O bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio

e não uma *cantiga de ninar*. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas. (FREIRE, 1996, p. 96).

De acordo com esse entendimento o professor não precisa atuar como um ser que sabe de tudo e apenas ele é quem deve comandar, mas sim agir como um orientador, aquele que guia o aluno ao conhecimento de forma tênue e gradativa, transmitindo o saber de um jeito que surpreenda os alunos e os motive a aprender cada vez mais.

Portanto, o docente não deve promulgar de forma autoritária o conhecimento para que, assim, possa conquistar o respeito de seus alunos pela maneira afetiva e também respeitosa como age em sala de aula. A relação desenvolvida entre os alunos e seu professor afeta na maneira como o ensino se promove a cada dia, sendo essa o ápice do processo pedagógico, confirmando que tanto discentes e docentes podem aprender um com o outro.

Sobre os professores autoritários, Freire destaca:

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca." (FREIRE, 1996, p.73).

De acordo com o entendimento acima, faz-se perceptível que a relação afetiva e o aprendizado são muito importantes na criação do conhecimento, na formação de indivíduos que desenvolvam a capacidade ética e moral, que compreendam de maneira completa não apenas a informação repassada, mas as relações que são desenvolvidas no seu ambiente de desenvolvimento educacional.

Assim, a maneira como o docente encaminha a instrução condiz o modo como os alunos o veem em sala de aula e o verão no futuro. A combinação de autoridade e respeito, afetividade e pulso firme devem ser mediadas para que se tenha a maior amplitude de ensino em sala de aula, atingindo os objetivos educacionais. Não cabe ao professor agir como ser inquestionável, mas sim como uma fonte de inspiração através do diálogo com seus alunos.

Assim sendo, Libâneo complementa que:

O professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se, a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional. As respostas e as opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor (...). (LIBÂNEO, 1994, p. 250).

Nota-se que a afetividade é indicada como ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo, um marco na constituição como pessoa. Dessa forma, é necessário que se tenha a compreensão de que “desenvolver a inteligência emocional significa saber lidar com os sentimentos” (HRYNIEWIEZ, 1999, p. 184 apud SILVA, 2002, p. 24).

Assim sendo, não basta que a instrução seja passada de maneira frívola e estática, pois, muitas vezes, é a emoção que traz o ensino à realidade. Não se tem como privar as emoções, mas pode-se usá-las de maneira favorável ao ensino aprendido.

Desse modo, Silva complementa que:

Ter consciência das próprias emoções e sentimentos e, dentro do possível, das emoções/sentimentos do outro, possibilita ter a noção dos limites de cada um e leva a uma busca consciente de superação das dificuldades afetivas e cognitivas, pois em última análise todos queremos ser felizes. (SILVA, 2002, p. 47).

Pelo que se viu até o momento, observa-se que a tentativa de separação das emoções do ensino pode ser prejudicial, pois professores autoritários e frios, como exemplificou Freire anteriormente, pode deixar marcas ruins na criação individual dos alunos.

É sabido que ao longo da vida os indivíduos passam a suprimir cada vez mais suas emoções, tornando-se pessoas introvertidas e até mesmo insensíveis. Dessa maneira, as crianças devem ser estimuladas através do afeto na educação para que aprendam não só o conteúdo escolar, mas também como as emoções e sentimentos fazem parte do cotidiano e devem ser valorizados para a formação de cidadãos mais empáticos e conciliadores.

O bullying, como se observa, nada mais é do que uma maneira de transmissão de emoções, porém de forma negativa. São sentimentos reprimidos e armazenados internamente aos indivíduos que se transformam em agressão como forma de escape. A falta de diálogo familiar, de afeto ou a sensação de solidão,

pode fazer com que alunos pratiquem atos humilhantes com colegas para se sentirem superiores, respeitados ou, até mesmo, admirados.

Entende-se que as emoções quando não direcionadas corretamente se transformam em situações desagradáveis, e é por isso que poderiam ser trabalhadas junto com a transmissão do conteúdo. O uso do afeto na forma de ensinar, dialogar e instruir os alunos deve ser notada por esses para que se perceba a importância da afinidade entre eles.

Até mesmo Darwin em seu estudo e publicação em 1872 “A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais” destaca a importância de se estudar as emoções e expressão dos sentimentos:

Entender, na medida do possível, a fonte ou origem das várias expressões que a todo momento podem ser vistas nos rostos dos homens à nossa volta, sem mencionar nossos animais domesticados, deveria ter enorme interesse para nós. Por essas muitas razões, podemos concluir que a filosofia do nosso tema fez por merecer a atenção dispensada por inúmeros excelentes observadores, e que ela merece ainda mais atenção, especialmente por parte de fisiologistas habilitados (DARWIN, 2000, p. 341 apud SILVA, 2002, p. 22).

Silva (2002) ainda complementa, citando Damásio, que:

(...) as emoções e os sentimentos podem provocar distúrbios nos processos de raciocínio em determinadas circunstâncias. [e sugere que] (...) certos aspectos do processo da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade. (DAMÁSIO, 2000a, p.14 apud SILVA, 2002, p. 22).

Dessa forma, complementa-se a importância de usar a afetividade na maneira como se transmitir o conteúdo, pois essa maneira, se transmitida por emoções de raiva ou indiferença, pode ser recebida do mesmo modo. Ou seja, o professor ao escolher instruir com afeto ou não determinará diretamente como os seus alunos irão receber o conhecimento.

A par disso, entende-se que docentes que insistem em não se importar com o emocional dos seus alunos poderá contribuir com a propagação do bullying, já que a escolha por não ver atitudes negativas acabaria por promover a fantasia de que tudo está indo bem no ambiente escolar. Assim, aqueles que deveriam estar atentos ao que acontece no ambiente de ensino, ao escolher por ignorar, agravaria a sensação de solidão e distanciamento entre o aluno e professor.

Logo, ensinar com amor e empatia se torna muito mais efetivo no combate ao preconceito e as agressões escolares. Um professor que educa com afeto instiga seus alunos a interação da mesma forma. Suas atitudes são espelhadas e podem ser repassadas, permitindo uma convivência harmônica tanto em sala de aula quanto fora dela, formando cidadãos preparados eticamente para o mundo e diminuindo os índices alarmantes da prática do bullying escolar.

## 2.6. A LUDICIDADE COMO CONSEQUÊNCIA À AFETIVIDADE

Piaget (1981), em sua teoria, destacava a importância de uma educação que provocasse os alunos através de atividades que desequilibrassem e reequilibrassem os estudantes. Ele dividiu o desenvolvimento da criança em partes que devem ser respeitadas para um trabalho pedagógico mais eficiente. Nessa teoria, o professor é de extrema importância, pois atua como mediador da construção do conhecimento, criando espaços e disponibilizando materiais.

Se aplicasse a teoria de Piaget na educação teria-se um ensino onde todas as experiências do aluno são fundamentais no processo do aprendizado. O objetivo pedagógico estaria centrado no aluno e caberia ao professor estudar e aplicar essa teoria no seu método de ensino.

A aplicação do lúdico é essencial para o desenvolvimento do ensino através da teoria de Piaget (1981), pois, para ele, o desenvolvimento da criança passa por estágios iniciais fundamentais e naturais. Para ele o primeiro estágio é o sensorio motor representado desde o nascimento até os dois anos de idade aproximadamente, no qual os bebês aprendem sobre si mesmo e seu mundo, por meio da atividade sensorial e motora, (PIAGET, 1981, p.32).

Dessa forma, percebe-se que a criança está aprendendo a todo momento e com tudo que está à sua volta. Sendo assim, a relação entre o professor e a criança deve ser uma relação de respeito mútuo, estando sempre atento, sem bloquear a criatividade da criança ou a sua aprendizagem e, todavia, no seu crescimento interpessoal, a relação entre ambos deve ser de diálogo, compreensão e afeto, para que, assim, aconteça a troca de informações e conseqüentemente o ensino aprendizagem.

Ao desenvolver o ensino de maneira lúdica, o professor terá a chance de cativar cada vez mais seus alunos através da atitude, gestos e ações afetivas, envolvendo-os de forma prazerosa, convidando-os a aprender. Assim, utilizando de brincadeiras e jogos que promovam a boa convivência, a aproximação entre professor e aluno se fará mais naturalmente.

Considerando que o educador é quem possui contato direto com a criança, este se torna um forte representante e modelo para o aluno, afetando até mesmo a personalidade desse. Para que o educando se sinta confortável no ambiente escolar ele precisa ser alvo do amor de seu docente. Não basta ensinar como se os alunos fossem meros objetos de ensino, mas sim transpor o conhecimento de maneira afável e prazerosa, contribuindo para a assimilação da informação pela criança como algo agradável.

A transformação da educação começa pela sala de aula. A maneira como se educa e instrui interfere em como o conhecimento será recebido. Brincadeiras e atividades coletivas permitem maior aproximação de todos os participantes da classe, trazendo momentos de descontração e afeto, pois, a criança ao brincar não se preocupa com o resultado, mas com o prazer e a liberdade que a impulsionam à ação de exploração e flexibilidade em um ambiente sem pressões.

Sobre isso, Almeida e Mahoney contribuem:

Na teoria Walloniana, a relação entre os progressos da afetividade e os da inteligência só podem ser compreendidos a partir de uma relação de reciprocidade e de interdependência. As condições para a evolução da inteligência têm raízes no desenvolvimento da afetividade e vice e versa. (ALMEIDA e MAHONEY, 2012, p. 40).

Em vista pedagógica, o lúdico, segundo Feijó (1992, p. 3), torna-se uma necessidade básica da personalidade, do corpo e da mente, fazendo parte das atividades essenciais da dinâmica humana caracterizada por ser espontânea, funcional e satisfatória. Assim, o lúdico não é apenas brincadeira, mas sim atividades motivadoras que impulsionam o gosto e o prazer pelo estudo, propiciando novas técnicas de soluções de problemas e mais alegria aos alunos.

Dessa forma, Lucci (1999) apud Freitas e Salvi (2004), complementa:

A afirmação central da valorização do brincar encontra-se em Santo Tomás de Aquino: *Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae* – o brincar é necessário para a vida humana. Esta recreação pelo brincar – e a

afirmação de Tomás pode parecer surpreendente à primeira vista – é tanto mais necessária para o intelectual, que é por assim dizer, quem mais desgasta as forças da alma, arrancando-a do sensível. E sendo os bens sensíveis naturais ao ser humano, “as atividades racionais são as que mais querem o brincar”. Daí decorre importantes conseqüências para a filosofia da educação; o ensino não pode ser aborrecido e enfadonho: o fastidium é um grave obstáculo para a aprendizagem. (LUCCI, 1999, p. 3 apud FREITAS e SALVI, 2004, p. 6).

Como se viu anteriormente, a aplicação da ludicidade em sala de aula permite aos alunos uma nova maneira de perceber e interpretar o conteúdo repassado, desbloqueando o pensamento e favorecendo a aprendizagem, pois ao brincar ou jogar os alunos acionam seus processos mentais elementares, ou iniciais na construção do conhecimento transformando-os em processos mentais mais elaborados. Como também, estudar em um local afetivo, descontraído e agradável, permite aos docentes uma maior interação e participação, favorecendo uma melhora na auto-estima dos alunos. A ludicidade e o afeto estão diretamente conectados, pois onde há um ensino de maneira mais leve as relações se ampliam a um nível maior que apenas transmissor e receptor do conteúdo. Da mesma forma, ao desenvolver essas relações de proximidade o afeto se torna perceptível e compartilhado por professores e alunos.

Para Almeida e Mahoney (2004, p. 17) “a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”. Complementam ainda que a afetividade apresenta três momentos em sua evolução: emoção, sentimento e paixão.

(...) os três resultam de fatores orgânicos e sociais e correspondem a configurações diferentes e resultantes de sua integração: nas emoções, há o predomínio da ativação fisiológica; no sentimento, da ativação representacional; na paixão, da ativação do autocontrole (ALMEIDA e MAHONEY, 2004, p. 17).

Desse modo, conforme os autores supracitados, pode-se compreender emoção como sendo a exteriorização da afetividade, concernida e realizada pela expressão corporal. Já o sentimento representa a afetividade de maneira não instantânea. Por fim, a paixão representa a condição de autocontrole para dominar uma situação.

Frisa-se que a afetividade tem função fundamental durante todo o desenvolvimento do indivíduo. É ela que inicia as primeiras expressões de comunicação, por meio das emoções e é no refinamento das emoções com o meio social que a criança passa por progressivos processos de diferenciação. Assim, a afetividade se faz presente nas interações humanas, tornando-se um elemento fundamental na constituição de identidade pessoal.

Dessa forma, observa-se que as relações vivenciadas no ambiente escolar são marcas de afetividade em todos os aspectos, pois essa está presente nas interações, relações sociais, auxiliando na constituição da pessoa humana. O lúdico atuando como meio de instrução pode propiciar ainda mais as trocas e as interações sociais entre os indivíduos na escola, fazendo com que, assim, a afetividade se faça cada vez mais presente no ambiente escolar.

Sobre isso, Almeida diz que:

Uma vez que compreendemos que a afetividade está presente no processo de desenvolvimento humano, e que esse desenvolvimento acontece nas suas interações com o meio sócio-histórico-cultural, não podemos negar que a afetividade estará presente na relação professor-aluno, pois onde existe relação de pessoa para pessoa, o afeto certamente estará presente (ALMEIDA, 1999).

Assim, observa-se o quão importante se faz a ludicidade aplicada ao ensino para o desenvolvimento da afetividade e vice-versa. O afeto, já estabelecido como consequência à relações interpessoais, é observado em abundância no ambiente escolar, visto que esse é um complexo local de interações e convivência. Assim, o lúdico apenas amplia sua existência e melhora a qualidade de ensino aprendizagem no meio.

Enfim, para o combate ao bullying, tanto afeto quanto ludicidade precisam estar esclarecidos entre os alunos, para que esses se espelhem em seus professores e propaguem o amor e a boa convivência entre colegas diminuindo, assim, a prática de humilhações e ataques as diferenças.

Promovendo as relações entre alunos e entre aluno-professor as emoções se farão presentes contribuindo para um ensino completo, agregando informações conteudistas e humanas, formando seres humanos conscientes do amor ao próximo e de boas amizades.

## 2.7. A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA FORMAÇÃO DA PERSONALIDADE E COMPORTAMENTO

Desde a Grécia Antiga havia a preocupação e ideia do lúdico sendo algo positivo na educação das crianças no que se refere a formação física e mental. A importância do lúdico também foi dada, entre outros estudiosos no assunto, pelos psicólogos e pedagogos. Todos, de certa forma, chegaram a conclusões parecidas sobre o papel da ludicidade na formação intelectual da criança. Piaget (1983, p. 211) ao se referir sobre essa formação intelectual da criança, fala em dois aspectos, sendo um deles, o aspecto psicossocial, do qual sobre este ele diz “(...) podemos chamar o aspecto psicossocial, quer dizer tudo o que a criança recebe do exterior, aprende por transmissão familiar, escolar educativa em geral (...)”.

Ao levar-se esse entendimento para a importância do lúdico ao aprendizado recebido de fora, no caso a escola, aonde a criança vai levar isso para vida toda como algo positivo, observa-se no que se refere a personalidade e ao comportamento, que o mesmo contribui, sem dúvida, e reflete em vários aspectos, principalmente no social.

Como se percebe pelo estudo apresentado até aqui, a ludicidade tem extrema importância na formação da personalidade, sobretudo no que se refere na prática do bullying. Desta forma, pergunta-se por qual motivo isso ocorre? Responde-se que têm a questão do comportamento, de caráter, o que sem dúvida pode afetar a formação de um cidadão.

Ao observar-se a prática de agressões dentro da escola, tem-se que a vítima se retrai e os expectadores escolhem, geralmente, o lado do mais forte (agressor). O bullying pode destruir mais do que a autoestima, a socialização. Pode afetar em muitos pontos, na profissão, nos relacionamentos, no psicológico, na família, prejudicando, também, a moral. Portanto, todos os envolvidos perdem com isso, pois focam nesses sentimentos negativos ao invés do estudo.

De acordo com Kant, em sua obra (FMC, 1980, p. 129) destaca o Imperativo Categórico como norteador do “agir bem” no qual refere-se: “Agir de tal forma que suas ações se tornem uma Lei Universal”. Para o filósofo esse princípio categórico é o princípio da moralidade. Dessa forma, uma ação é certa quando realizada por um sentimento de dever. Almeja-se tomar decisões como um ato moral, sem agredir os outros. Sabe-se que na formação do ser, deve-se ter a razão e, segundo Kant, ela é a condição a priori para ter consciência do dever, do “haja de tal forma...” supracitado. Cita-se esse filósofo por ser sempre bem lembrado no que se refere a

moral, em *Crítica da Razão Prática* (p. 57) diz: “A consciência dessa lei fundamental pode ser denominada um ato da razão...”. O ser humano é racional, e a razão é a que fornece a lei que guia à vontade.

Ainda, Kant afirmava que se deve agir livremente. O que é agir livremente? É agir de forma autônoma e de acordo com uma lei que se cria para si própria, ou seja, lei do bem, sem atingir o outro, de acordo com a consciência/razão. O agir livremente não é para escolher os melhores meios para um determinado fim, mas escolher o próprio fim em si mesmo e isso é algo que se pode fazer. Respeitando a dignidade humana significa respeito não apenas como meio, mas também como fim. De forma mais simples, Kant acreditava que o ser humano deve agir de acordo com o princípio de fazer apenas o que aceita que o façam a ele. A moralidade para ele não deveria ser uma emoção, mas um dever natural e básico.

Para exemplificar tal pensamento se tem a seguinte situação: um aluno agredindo um colega, usando-o como meio, para descarregar as frustrações, o ódio, ou para conseguir “respeito” dos demais colegas. O agressor certamente não gostaria de ser agredido, logo está agindo de maneira não moral.

É comum se ver a prática da violência para se manter no poder dos grupos, no centro das atenções, como ser temido em um âmbito social seja algo a se orgulhar. Em alguns filmes, pode-se observar que muitas vezes por trás da agressividade se escondem sérios problemas, até mesmo familiares, do agressor. Isso afetando tanto na produtividade as aulas como traz consequências para a vida de todos os envolvidos, afetando-os sobretudo como cidadãos.

O normal é que os alunos busquem a felicidade, a amizade, a socialização, sendo estas palavras que estão ou deveriam estar associadas às boas ações, no entanto nem sempre estão. Quando os alunos querem afirmar-se diante dos outros colegas tendo em vista essa busca, mas pelos meios errados é que está o problema. Esses alunos precisam saber qual é a coisa certa a fazer, frase recorrente tanto no dia a dia como para alguns estudiosos. Para Kant, já citado, fazer a coisa certa é fazer pela razão certa, a boa vontade não é boa por causa do que ela afeta ou realiza, ser moralmente bom de acordo com a lei moral não é suficiente, devendo ser feito em prol da lei moral, tem que querer agir livremente para assim ter valor moral.

O lúdico será, nesse sentido de extrema importância no que se refere ao aprendizado dos alunos a não violar a dignidade da pessoa humana, seus direitos

individuais para proveito próprio, por um fim duvidoso e imoral. Deve-se respeitar a dignidade humana não apenas como meios, mas como fins em si mesmo. O aluno deve saber que não pode usar pessoas para se promoverem diante de outras pessoas para fins de bem-estar ou felicidade própria. Devem saber que todos têm os mesmos direitos de dignidade e, assim, defender esses direitos, não os violar. E por ser seres racionais e autônomos (capazes de agir e escolher de forma livre) é que se almeja respeitar o próximo.

O lúdico seria um instrumento indispensável na formação da personalidade e por consequência, no comportamento, no processo de redução do bullying dentro do ambiente escolar, onde é mais corriqueira essa prática. Acredita-se que o lúdico é fundamental para esse processo de interação das partes, isso porque os alunos compartilham experiência e com isso também aprendem. Desta forma, processo a reciprocidade e a experiência compartilhada é para Dewey (1980, p. 50) “o maior de todos os bens Humanos”. Segundo Dewey não se aprende nada particularmente e sobre isso ele diz:

O que se aprende “isoladamente” de fato não se aprende. Tudo deve ser ensinado tendo em vista o seu uso e função na vida. Não se diga que isso venha a impedir os “exercícios” escolares e tornar assim, impossível a aprendizagem de muita coisa. Muito pelo contrário. Se a criança percebe o lugar e a função que tem aquilo que vai aprender, seu intento de aprender dá-lhe impulso para todos os exercícios necessários. Toda criança se “exercita” naturalmente. (DEWEY, 1980, p. 131).

As atividades lúdicas estão correlacionadas com jogos e é dentro desse conjunto todo que os alunos aprenderiam sobre valores éticos e morais para a vida, como menciona o filósofo acima “tudo deve ser ensinado tendo em vista o seu uso e função para a vida”. O lúdico amplia e fortalece a criatividade, a capacidade de raciocinar dos alunos. Dewey (1980) se refere ao interesse da criança sobre os jogos da seguinte forma:

Nos jogos a cada momento isso se vê. O interesse da criança no jogo fá-la praticar isoladamente as partes que compõem o jogo. Mas, não as “pratica” senão em vista do todo o que aquela parte vai servir. Nesse caso a aprendizagem é ainda integrada. (DEWEY, 1980, p. 131).

Desse modo, observa-se que a aplicação do lúdico nas escolas promove não só a coletividade como a formação de cidadãos capazes de se interagirem e se

preocuparem com o próximo. É visto atualmente um aumento crescente da individualidade. O sistema governamental que é submetido interfere de maneira absoluta na formação dos cidadãos. É visto também que uma mudança na educação já é mais que necessária. A maneira militarizada de ensino não mais basta para formar pessoas com capacidades coletivas e compreensivas.

A cada dia que passa percebe-se uma necessária intervenção de maneira que eduquem não apenas para a formação do conhecimento, mas sim para a formação de indivíduos conscientes e engajados em transformar o ambiente em que vivem diminuindo a desigualdade social. O combate ao bullying em seu maior espaço de uso vem a ser uma das formas de se conscientizar futuros trabalhadores melhorando o convívio em escalas não só escolares, mas em todas as pirâmides sociais.

Sobre o crescimento e desenvolvimento psicológico e humano, Piaget diz que:

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é compatível ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos –, direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (PIAGET, 1983, p. 11).

Assim sendo, o acompanhamento familiar e escolar faz parte do desenvolvimento de um ser humano como um todo. Não apenas a família transmite valores éticos como a escola impõe outra forma de moral. Dessa forma ambas as instituições devem trabalhar juntas complementando a educação e formação de um indivíduo completo e formado não só no conhecimento como preparado para o convívio social.

Ensinar as diferenças entre as pessoas e destacar que estas não são passíveis de julgamento, mas sim aceitação, é um primeiro passo para alcançar o convívio pleno e harmônico escolar. O lúdico age de maneira que não haja discriminação em um jogo. É visto que as crianças se permitem compartilhar emoções e sentimentos de maneira mais fácil quando em grupo e quando aceitas por esse grupo.

Ainda sobre a formação do indivíduo de forma completa, Lima destaca em seu treinamento de dinâmicas em grupo que:

O homem é um produto do meio e o meio é um produto do homem. A ação humana produz a cultura e a cultura produz o homem. No começo estava, pois, a ação do organismo. Agir, é então, o esforço para restabelecer o equilíbrio. A afetividade é a energética da ação. A inteligência é sua estratégia. A energética está ligada ao próprio processo vital. Assim, a inteligência é aprendida (LIMA, 1973, p. 35).

Contudo, pode-se dizer que toda a construção do conhecimento de maneira lúdica não só irá contribuir de melhor forma para a aprendizagem do conhecimento a ser passado, mas também para a formação de um cidadão exemplar, com princípios éticos e de acordo com uma moral baseada em respeito e deveres, e não em vontades individuais.

## 2.8 A RELEVÂNCIA DA SOCIALIZAÇÃO NO AMBIENTE ESCOLAR

Tem-se que a escola, nos dias de hoje, é vista não só como ambiente de instrução do conhecimento, mas também como local de formação de cidadãos conscientes do próximo e de suas atitudes para com o outro.

É notório que no passado, a educação de princípios básicos era responsabilidade exclusiva dos pais e da família, porém, com o aumento da carga horária de trabalho, os pais passaram a colocar seus filhos cada vez mais cedo na escola ou creches, passando a ter pouco tempo com eles. Conseqüentemente, por passar a maior parte do dia em companhia de professores e cuidadores, a criança recebe princípios diversos. Assim, a escola precisa se preparar também para assumir a responsabilidade de socializar seus alunos para a convivência no meio social.

Essa atividade tem um alto grau de importância, visto que a socialização é um processo que acompanha o indivíduo desde seu nascimento até o fim da vida. A convivência é aprendida e evoluída conforme se evolui como ser social.

A cultura e a moral que regem um povo são muito importantes nesse processo. Conforme se faz parte de uma determinada sociedade, costumes e hábitos enraizados são repassados também na escola, porém, deve ser ensinado e

lembrado ao aluno que há diferentes culturas pelo mundo, não sendo a dele única e absoluta.

Os valores e normas de um determinado povo podem variar muito para outro. Sobre isso, Giddens explica:

As ideias que definem o que é importante, útil ou desejável são fundamentais em todas as culturas. Essas ideias abstratas, ou valores, atribuem significado e orientam os seres humanos na sua interação com o mundo social. A monogamia - a fidelidade a um único parceiro sexual - é um exemplo de um valor proeminente na maioria das sociedades ocidentais. As normas são as regras de comportamento que refletem ou incorporam os valores de uma cultura. As normas e os valores determinam entre si a forma como os membros de uma determinada cultura se comportam. Em culturas em que se valoriza grandemente a aprendizagem, por exemplo, as normas culturais encorajam os alunos a despendem grande energia no estudo, apoiando os pais que fazem sacrifícios em prol da educação dos filhos. (GIDDENS, 2001, p.22).

Conforme esse entendimento, a criança ao ingressar na escola, será instruída a agir de acordo com a cultura e os costumes daquela sociedade em que vive.

A principal finalidade da escola é desempenhada, por meio do processo de ensino aprendizagem, sendo considerada a espinha dorsal no que se refere à organização e sociabilidade do imaturo. A consequência desse processo desempenhado pela escola é a educação do indivíduo. Para Émile Durkheim (1973), para haver educação são necessários adultos, jovens, crianças e adolescentes, em que uma ação será exercida sobre outra. Ele define educação da seguinte forma:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM apud PEREIRA e FORACCHI, 1973, p. 42).

Por conseguinte, percebe-se que a educação acompanha o indivíduo em todos os momentos da vida, aprendendo coisas novas diariamente. Logo, considera-se que a educação que se recebe é determinada pela sociedade na qual o indivíduo está inserido. Daí, entende-se que a educação tem por objetivo instruir o aluno para o convívio social no meio em que vive, preparando-o para interagir e relacionar com o outro.

Acredita-se que embora muitos educadores cumpram seu papel como agente na transmissão do conhecimento e socialização aos seus alunos, ainda há professores que se limitam a atuar apenas como cedente de conteúdo programado. Esses não se acham responsáveis pelo crescimento pessoal do aluno, agindo conseqüentemente com falta de afeto e prejudicando a evolução de seus educandos.

Nesse sentido, Freire (1996) pontua que o educador em sua função democrática, deve atuar diante do educando de forma a incitar sua curiosidade, desenvolvendo, assim, a capacidade crítica do educando. Todavia para que essa capacidade crítica do educando seja instigada é necessário que o educador também seja crítico, curioso e inquieto, despertando em seu educando os mesmos desejos.

Segue ainda:

“[...] a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. (FREIRE, 1996, p. 26).

Portanto, se o educador age de maneira indiferente quanto à socialização do seu aluno, sua contribuição poderá influenciar negativamente o processo de formação do mesmo. Tal indiferença, quando percebida, pode desenvolver até mesmo a sensação de solidão e desamparo, visto que os alunos passam a maior parte do tempo em convivência com o professor.

São esses sentimentos, advindos de um descaso com um processo tão importante na vida do indivíduo, que transformam o que deveria ser uma boa convivência no ambiente escolar em casos de agressão física e psicológica entre alunos e alunos e professores.

Casos de bullying nas escolas questionam a falha do processo de socialização da família, mas raramente contestam o papel da escola na transmissão dos conceitos éticos e morais.

As duas instituições são de extrema importância para a formação de indivíduos sociais e conscientes da moral em sua cultura. Para isso, ao invés de se oporem, família e escola precisam se unir para que, juntas, componham um ensino completo na vida de seus alunos.

Muitos casos de bullying, quando investigados, surpreendem por mostrarem um agressor com boa família, estrutura financeira favorável e até mesmo bom desempenho em provas e trabalhos individuais. Nesse caso, observa-se que a falha está justamente na transmissão rígida e individualista do conhecimento. A falta de

interação entre colegas e professores os distancia e permite que o preconceito permeie a sala de aula.

Assim, a aplicação de atividades lúdicas contribui não somente para a educação de forma conteudista, mas age também colaborando no processo de socialização dos educandos. Através de transformações pequenas, aplicação de atividade que proporcionem uma maior convivência entre os colegas de classe, o ensino será completo, tanto em conteúdo quanto em bagagem cultural e social

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se discorrer sobre a existência do bullying nas escolas, observa-se a importância tanto da escola quanto do professor não só no aprendizado, mas também no desenvolvimento do homem como um indivíduo ético/moral na sociedade na qual está inserido.

Pelos estudos até aqui realizados, nota-se que o bullying na escola, prejudica o crescimento do ser humano tanto individual quanto social e é por isso que o papel da escola e do professor nessa situação é primordial. A escola precisa estar preparada com uma equipe apta a trabalhar diretamente sobre a prática do bullying. Da mesma maneira que o professor necessita ser o identificador, o colaborador que observa e identifica se algo de errado acontece no ambiente analisado, agindo imediatamente.

Assim, escola e professores necessitam trabalhar em conjunto. O ambiente escolar é o que irá propiciar meio para sua equipe interagir de maneira lúdica como instrumento de prevenção e combate das agressividades realizadas por alunos praticantes do bullying. Tal prática deve ser identificada logo de início e trabalhada para que não se propague, utilizando de atividades lúdicas que envolvam temas como felicidade e liberdade, proporcionando aproximação de vítimas e agressores e rompendo o elo exclusivo entre esses.

Manter como hábito formas de amenizar e suprimir atos violentos entre alunos é um dever da escola, essa deve estar inclinada ao entendimento de que o lúdico faz parte da educação e é essencial na formação de cidadãos éticos.

Percebe-se, então, que a importância do lúdico em eliminar e/ou atenuar a prática do bullying é de vital importância no meio educacional. Entender a ludicidade como fundamental na formação da personalidade, mesmo que a família como primeira instituição tenha falhado, se torna essencial na formação das crianças e adolescentes dos dias de hoje.

Cabe a escola, como atuante secundário, investigar os processos que levam seus alunos a praticarem o bullying. Uma vez que se sabe a fonte do processo que leva a prática da agressão, será possível analisar e propiciar o atendimento do aluno de maneira adequada junto de uma equipe especializada, essa composta por profissionais como psicólogos, pedagogos e psicopedagogos.

Dessa forma, a realização de atos violentos não se ampliaria no ambiente escolar, pois seriam contidos em sua origem. A socialização proporcionada pelas atividades lúdicas, com o acompanhamento de profissionais capacitados, aprimoraria a experiência desses alunos e permitiria uma melhor convivência entre esses. Praticando a inclusão e a interação de forma prazerosa e atrativa, o isolamento passará a não ser mais tão interessante.

É visto que a individualidade deve ser também trabalhada. O respeito das diferenças e o ensino de que todos são iguais, embora possuam características diversas, é fundamental para o entendimento do ser humano como um todo e não como objeto de discriminação. Assim, utilizando-se do lúdico para trabalhar autoestima e introversão de maneira que se eduque sobre personalidades distintas e o respeito que devem ter para com essas.

Refere-se aqui, sobre a importância do lúdico tanto para o comportamento do agressor quanto do agredido psicologicamente ou fisicamente, pois se trata de ação e reação diante das situações que envolvem os dois lados, ativo e passivo e seus respectivos comportamentos.

É comum se ver alunos que buscam mudar sua personalidade para serem aceitos, muitas vezes para comportamentos agressivos. A escola deve estar atenta a essa prática de violência, como aos que permanecem alheios a qualquer grupo, por vários motivos como timidez ou medo, por incapacidade de se adaptar e de interagir com os colegas.

Sendo assim, conclui-se que atividades lúdicas, se realizadas sob orientação de profissionais qualificados, têm muito a contribuir para o processo de formação, não só educacional, como social. A formação de indivíduos éticos e que respeitam a vida acima de tudo eliminará, aos poucos, o bullying para quem sabe a sua extinção.

#### 4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas/SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, Laurinda R. de e MAHONEY, Abigail Alvarenga (orgs). **A Constituição da Pessoa na Propostade Henri Wallon**. São Paulo, Loyola, 2004.

ARISTÓTELES. **Vo. II - Ética A Nicômaco**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Nova Cultural, 1995.

BARBOSA, F. R. M. & CANALLI, M. P. **Qual a importância da relação professor-aluno no processo ensino-aprendizagem?** Revista digital. Buenos Aires, ano 16, nº160, 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd160/a-importancia-da-relacao-professor-aluno.htm>. Acesso em 19/06/2018.

BORTONCELLO, Michele Sperotto. **Bullying Na Instituição Educativa – Autor, Alvo, Espectador: “De Que” E “De Quem” Estamos Falando?** Universidade do Oeste de santa Catarina – UNOESC Área das ciências humanas e Sociais Programa Pós-graduação em Educação (ppged)–mestrado. disponível em: [http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Michelle\\_Sperotto\\_Bortoncello.pdf](http://www.unoesc.edu.br/images/uploads/mestrado/Michelle_Sperotto_Bortoncello.pdf). Acesso em: 20/04/2018.

CABRAL, João Francisco Pereira. **"Sobre o suicídio na sociologia de Èmile Durkheim";** *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/sobre-suicidio-na-sociologia-Emile-durkheim.htm>. Acesso em: 18 de junho de 2018.

CASA CIVIL, Presidência da República (Subchefia para Assuntos Jurídicos). **Lei Nº 13.185, de 6 de Novembro De 2015. Institui O Programa De Combate À Intimidação Sistemática (Bullying)**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 05/04/2018.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução de Anísio S. Teixeira. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

DURKHEIM, Èmile. **Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação**. Forachi, Marialice M. e Pereira, Luiz. 6º edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

FANTE, Alexandre Ventura Cléo. **Bullyng: Intimidação no ambiente escolar e virtual.** Belo Horizonte. Conexa Editora. 2011. Disponível em: <http://www..eduventura.com/resources/Livro-Aleandre-Ventura.pdf>. Acesso em 30/08/2018.

FEIJÓ, O. G. **Corpo e Movimento: Uma Psicologia para o Esporte.** Rio de Janeiro: Shape, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GALLO, Silvio. **Coleção explorando o Ensino.** Filosofia vol. 14. Ensino Médio, p. 159. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=7837-2011-filosofia-capa-pdf&category\\_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7837-2011-filosofia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 06/04/2018.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008, p. 743.

GOULART, Nathalia. Revista Veja: "É Responsabilidade da Escola Combater o Bullying". 2011.

GUARESCHI, P., & SILVA, M.R. (Coord). **Bullying: mais sério do que se imagina.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

JELINEK, Karin Ritter. **Jogos nas Aulas de Matemática: Brincadeiras ou Aprendizagem? O que pensam os Professores?** Porto Alegre – RS, 2005. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2991/1/000332635-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 03/05/2018.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes.** Coleção: Os Pensadores – Kant (II) – tradução de Paulo Quintela. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática.** Coleção: Os Pensadores – Kant (II) – tradução e prefácio de Afonso Bertagnoli. 3ª edição. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A. 1959.

KASSAB, Yara. As estratégias lúdicas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597), "para a maior glória de Deus". Universidade de São Paulo. 2010. Acessado em 30/08/2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, L. O. **Treinamento em dinâmica de grupo**. Petrópolis: Vozes, 1973.

LOPES NETO, Aramis A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes**. J. Pediatr. (Rio de J.), Porto Alegre, v. 81, n. 5, 2005.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos da educação e ensino). Disponível em: <https://www.docdroid.net/MrZCc0F/maria-das-gracas-nicoletti-mizukami-ensino-as-abordagens-do-processo.pdf>. Acesso em: 06/04/2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos Sobre a educação**. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correa de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 6ª edição, 2012.

OLIVEIRA, Anié Coutinho de. **Ludicidade e Psicomotricidade**. Curitiba SC: Editora ULBRA. 20ed., 2008.

PIACENTINI, Patrícia. Revista Pré-Univesp. Cultura lúdica sempre acompanhou a humanidade. N° 61. UNIVERSO. Dez 2016-Jan 2017. Acessado em 30/08/2018.

PIAGET, J. **Epistemologia Genética**. Tradução de Os Pensadores. Abril Cultural, 1970.

PIAGET, J. **O Tempo e o Desenvolvimento Intelectual da Criança**. Coleção os Pensadores. Tradução de elia E.A. Di Piero. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 211.

PRÉ-UNIVESP, Revista. **Nº.61 Universo Dez 2016 | Jan 2017**. Disponível em: <http://pre.univesp.br/cultura-ludica#.Wtjgc38h3IU>. Acesso em: 19/04/2018.

SILVA, L.C. da. **Emoções e sentimentos na escola: uma certa dimensão do domínio afetivo**. Dissertação (Mestre em Educação) UFBA. Ilhéus. 2002, p. 360. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11773/1/Silva,%20Lindomar.pdf>. Acesso em: 20/06/2018.

SNYDER, Marlene. Revista Veja. **É Responsabilidade da Escola Combater o Bullying.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/educacao/e-responsabilidade-da-escola-combater-o-bullying/>. Acesso em: 05/04/2018.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.